

# Lembranças e esquecimentos nas salas montenegrinas: Uma análise de memórias presentes entre alunos de ensino médio

Thiago Iwaszko Marques Proença<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo é fruto de uma análise de recordações de alunos do ensino médio da cidade de Montenegro sobre as origens de suas famílias e da cidade. Os referenciais teóricos foram baseados no conceito de memória coletiva, de memória em disputa, memória subterrânea e a relação de ambas com a identidade coletiva. A partir de lembranças explicitadas em sala de aula, foi possível perceber um discurso oficial e outros sublimados por este cuja sustentação se dá pelas memórias dos imigrantes europeus e pela herança às gerações atuais. O estudo nos leva a concluir que as memórias ditas em aula sobre as histórias das suas famílias e da cidade acabam sendo trazidas de certos antepassados europeus, que, apoiados por uma ideia vigente na época, esquecem a origem indígena da cidade. Com relação a esse aspecto, a partir de uma boa prática docente, a sala de aula se apresenta como um campo para a reflexão e contestação do status quo de disputas entre memórias, mas, sobretudo, entre identidades.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Memória. Identidade.

## Abstract

This article is based on an analysis of memories of high school students from the city of Montenegro about the origins of their families and the city. The theoretical references were based on the concept of collective memory, memory in dispute, underground memory and the relationship of both with collective identity. From explicit memories in the classroom, it was possible an official speech and other sublimated by that which gives support to by the memories of European immigrants and the inheritance to the present generations. The study leads us to conclude that the memories told in class about the stories of their families and the city eventually being brought in by some European ancestors, who, supported by a current idea at the time, forget the indigenous origin of the city. In relation to this aspect, from a good teaching practice, the classroom itself as a field for reflection and contestation the status quo of disputes between memories, but especially between identities.

**Keywords:** Teaching History. Memory. Identity.

## 1. Introdução

Iniciei minhas atividades docentes em 2010 no município de Montenegro<sup>2</sup> na rede municipal de ensino e em uma escola particular. Quando cheguei à cidade, percebi uma mistura étnica presente na composição fenotípica em grande parte dos montenegrinos. Isso me fazia pensar que não se tratava de um município originado somente de uma etnia, todavia que uma miscigenação teria ocorrido na cidade. Contrariando este primeiro olhar, apenas ouvia, tanto em sala de aula como em salas dos professores, a descrição de Montenegro como uma cidade de origem tipicamente alemã.

Após alguns meses, notei que alunos se colocavam como sujeitos históricos sem perceber, relatando memórias sobre seu passado, sobre suas histórias familiares e sobre

as coisas que existiam na cidade, mas que, por algum motivo, não existem mais. Esse tipo de narrativa abriu caminho para a análise das recordações dos alunos de ensino médio nas aulas de História.

Nas falas, os alunos vangloriavam seu passado alemão e traziam informações sobre a culinária ou alguma dança típica dessa cultura. Notei também que ninguém falava sobre algum parente indígena ou negro, como se todos tivessem traços germânicos. Esse tipo de relato mostrava um descompasso com o observado.

O presente artigo busca analisar como ocorrem essas memórias entre os alunos, em suas famílias e de que forma se expande ao universo do município, se tornando uma "memória oficial". Também procura mostrar que não há uma "unidade nacional", ao modo de Halbwachs (1990), como a forma mais acabada da identidade do município, mas sim um jogo onde memórias colidem e representam outros grupos envolvidos na origem da cidade.

Tendo como meio a sala de aula e suas potencialidades, este texto procura mostrar de que forma o professor pode acrescentar uma nova visão de mundo aos alunos através das "memórias subterrâneas", identificadas por Michel Pollak (1989). Num exercício de alteridade, o aluno pode se colocar no lugar do outro e repensar sua atuação como sujeito histórico, tendo no professor um parceiro para poder ajudá-lo nessa tarefa.

A partir da análise na cidade de Montenegro busca-se a identificação de uma situação e seu debate em sala de aula. A partir de um caso específico pode-se contribuir para o estudo do todo gaúcho, onde o discurso oficial, por meio da imigração europeia, procurou, em certos momentos, sublimar uma origem indígena considerada inferior. Muitos adolescentes reproduzem a visão de mundo inaugurada no século XIX sem se darem conta de que não reproduzem a verdade, mas uma visão sobre ela, entre as muitas outras existentes. Numa atividade de orientação, o professor pode mudar essa perspectiva em seu espaço de atuação: a sala de aula.

## 2. Memórias em sala de aula: lembranças e esquecimentos

### 2.1. Construção do objeto de estudo

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.<sup>3</sup>

A construção deste artigo foi possível a partir de observações e práticas de sala de aula que contemplaram a manifestação das memórias durante as aulas de História por parte dos alunos do ensino médio de Montenegro. No município, o ensino médio ocorre em três escolas estaduais e duas particulares. O trabalho que deu origem a este artigo foi realizado em uma destas duas escolas particulares, onde atuo como docente. O estudo foi realizado em 2011, com três turmas de ensino médio, sendo 32 alunos de 1º ano, 28 de 2º ano e 31 de 3º ano.

Há certos motivos para a delimitação dada ao objeto pesquisado. Resido na cidade e foi acessível pesquisar as salas que leciono, dentre outros fatores, pela familiaridade com os alunos, cujas lembranças de vida deságuam durante as aulas. Optou-se pelo ensino médio em razão de uma maior maturidade – se comparados aos alunos do ensino fundamental – com relação aos seus depoimentos sobre questões de vida, de suas famílias e de outros grupos sociais excluídos do processo globalizante ao qual pertencem.

Ao observar as falas de alunos sobre suas recordações familiares, tornou-se viável uma análise de suas memórias. Surgiu, então, uma indagação sobre ausência de relatos históricos indígenas na cidade, como se nela nunca tivessem vivido. Parecia, sob uma primeira impressão, que ninguém era descendente de índios ou mesmo de negros, pois apenas a descendência alemã era comentada. São comuns comentários do tipo: “meus avós eram alemães, por isso tenho esse sobrenome”. A partir daí, foi elaborado o problema de pesquisa: “quais origens são reveladas e quais são esquecidas nos discursos de alunos do ensino médio do município de Montenegro?”.

O objetivo é buscar uma relação entre as memórias usadas em sala de aula e o sentimento de pertencimento a um grupo social. Como certas memórias elaboram um esquecimento sobre a origem indígena da cidade? Há um discurso oficial<sup>4</sup> que contribui para esse esquecimento? Como o professor pode usar o espaço da aula para transcender a essas questões, refletindo com os alunos sobre as versões sobre os acontecimentos históricos?

Diversas cidades gaúchas autodeclaram ser partes da Europa na América. Por mais singular que possa parecer o caso montenegrino, pode-se elucidar, a partir da singularidade, um horizonte mais amplo. Seguindo os passos de Ginzburg (2006), um caso específico pode se tornar representativo na medida em que tenha seus parâmetros culturais precisos e “dele não se sai a não ser para entrar no delírio e não ausência de comunicação” (2006, p. 20). Montenegro pode ser representativa de um todo uma vez que a cidade não se encontra isolada das outras e seus moradores mantêm comunicação intensa com outras regiões do estado.<sup>5</sup>

## 2.2. História de Montenegro: a sala de aula como campo de reforço da memória oficial?

A partir do século XX, com Maurice Halbwachs (1990) a historiografia pôde ter um novo campo de análise que a ajudaria a sanar algumas questões levantadas pela Nova História quanto à multiplicidade de fontes para o conhecimento do passado, principalmente as memórias presentes na oralidade dos indivíduos. Seu estudo é de suma importância para que possamos compreender de que maneira tais fatos são evidenciados por um conjunto de pessoas e que por qual razão outros são apagados. Por memória, podemos compreender:

[...] uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, 'coletiva', como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao "tempo que muda", às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui - eis uma banalidade - um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. (ROUSSO, 2000, p. 95).

Ainda sobre a dinâmica presente na memória, Pierre Nora (1989, p. 8) afirma que

Memória é vida, nasce pelas sociedades vivas criadas em seu nome. Isso se mantém em permanente evolução, aberto à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas sucessivas deformações, vulnerável à manipulação e à apropriação, suscetível a uma longa dormência e a um frequente reavivamento<sup>6</sup>.

Torna-se importante uma definição do conceito de memória neste momento, pois o presente artigo discutirá as relações implicadas na manutenção de algumas recordações trazidas por alunos do ensino médio em Montenegro. A memória pode ser um campo de disputas coletivas, com produtos muito bem definidos. O artigo 1 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional obriga as instituições de ensino a ministrarem o estudo da história afro-brasileira e indígena aos alunos do ensino básico.<sup>7</sup> Atendendo um pedido de diversas organizações cujo objetivo é o de lutar pela diminuição das diferenças sociais, o governo federal obriga as escolas e os professores a esclarecerem aos estudantes a questão étnica nacional. No entanto, muitas regiões, alicerçadas numa "História Oficial" – simplesmente um discurso, carente de maiores fontes alicerçadas em pesquisas comprobatórias –, não consideram o papel do povoamento indígena e perpetuam a ideia de que sua origem se encontra na vinda dos imigrantes do velho continente. Para Montenegro, o marco zero do empreendedorismo, do vigor e da civilização está na chegada dos primeiros europeus. No sítio eletrônico oficial da prefeitura da cidade<sup>8</sup>, podemos ler as seguintes palavras sobre o seu passado:

As terras de Montenegro estavam entre as primeiras a serem desbravadas por portugueses e espanhóis após o descobrimento do Brasil. O rio Caí foi importante rota para mercadores espanhóis que subiam o rio da Prata e portugueses, vindos da Lagoa dos Patos pelo rio Jacuí. Os desbravadores faziam incursões terrestres, com o objetivo de explorar e dominar terras, além de procurar índios para os trabalhos de mineração e engenhos de açúcar nas capitânicas do Norte.

Sobre os Ibiraiaras (de etnia caingangue) estão aspectos pitorescos, como de um bando de inocentes que tiveram o acaso de estarem aqui no momento das expedições bandeirantes. Na sequência, é exaltada a chegada dos alemães e italianos (estes, em menor número). É fácil perceber que há uma história oficial que evidencia as tradições europeias e diminui a herança indígena. O objetivo aqui não é o de verificar a real contribuição dos indígenas nem menosprezar o árduo trabalho

dos alemães no vale do Caí, mas o de desvendar as redes que concretizam essa memória oficial nas salas de aula, em detrimento de outras, ligadas aos primeiros povos indígenas na região.

Michel Pollak (1989, pg. 4) auxilia uma reflexão para este caso, o de "memória subterrânea", ou seja, as memórias dos excluídos, das culturas minoritárias e dominadas, cuja oposição se dá à "memória oficial". Temos aí um exemplo de "memória em disputa", que nem sempre é traduzida como Estado dominador versus sociedade civil, mas, com mais frequência é a sociedade globalizante versus grupos minoritários. (ibidem, p. 5).

Antes de morar em Montenegro, tive uma relação com alunos indígenas na cidade de Porto Alegre e percebi o esforço que faziam para estudar na universidade, para não desistirem frente a muitos preconceitos sociais. Quando comecei a atividade docente, respeitando a lei 11.645/08, lecionei história indígena tanto na esfera nacional quanto na municipal. Para minha surpresa, era novidade aos alunos o povoamento indígena na região. Certo momento, foi solicitado um trabalho de pesquisa familiar sobre a história da cidade e sobre elementos do passado, com os três anos do ensino médio. Primeiramente, em sala, os alunos deveriam escrever o que sabiam a respeito do passado de Montenegro, além de recordações pessoais vividas na cidade. Depois, entrevistariam pais e avós sobre a temática. Apenas 3, dos 91 trabalhos, trouxeram informações sobre a participação indígena. Podemos concluir que ainda há descendentes dos primeiros habitantes da região, no entanto suas memórias estão subterrâneas<sup>9</sup>. Para analisar a situação, partimos da reflexão de Norbert Elias (2000, p. 40), onde

A visão, hoje muito difundida, de que um indivíduo mentalmente sadio pode tornar-se totalmente independente da opinião do "nós" [we group] e, nesse sentido, ser absolutamente autônomo, é tão enganosa quanto a visão inversa, que reza que sua autonomia pode desaparecer por completo numa coletividade de robôs. É isso que sepretende dizer quando se fala da elasticidade dos vínculos que unem a autorregulação da pessoa às pressões reguladoras do "nós".

Em ambas memórias relatadas, dos alunos e de seus familiares, percebemos que não estão isoladas: pertencem a um contexto. As lembranças podem fazer parte de um coletivo, mas precisamos saber como elas foram condensadas e cimentadas entre as pessoas. Como os alunos reproduziram em seus textos a memória oficial, globalizante, sobre o triunfo europeu na região? Talvez por eles pertencerem ao grupo dominante da cidade, em razão de a atividade ter se restringido a uma escola particular. Mesmo assim, por que gerações acabam reproduzindo tais discursos? Pollak (1992, p. 201) fala em "memória herdada", possível na medida em que um grupo/pessoa, por meio da socialização política ou da socialização histórica, participe de um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado tão forte que poderíamos falar de uma memória quase

que herdada. Trata-se de um processo que pode ser consciente ou inconsciente. Depende das relações estabelecidas entre memória e identidade, ou seja, a imagem de si, para si e para os outros.

Podemos portanto dizer que memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (idem, p. 204).

Observa-se uma vontade de manter laços com os imigrantes europeus por parte de certos grupos da cidade. Não é objetivo aqui identificar esses grupos nem analisar seus motivos. É possível perceber que as memórias oficiais praticamente eliminam a existência indígena da região, fazendo com que qualquer memória vinculada torne-se subterrânea, oculta, menos digna de compor um discurso. Qual é o papel do professor nesse embate? Não há fórmulas prontas, todavia é preciso deixar de reproduzir preconceitos distanciando a história oficial das memórias dos grupos minoritários. Com base em Pollak (1992), os alunos reproduzem e reafirmam memórias que são de seus parentes mais idosos, pois as herdaram através de um processo de convívio e de relação social familiar. Trata-se de considerar a memória como um fenômeno construído.

### 2.3. Sala de aula: um espaço para o diálogo

A sala de aula pode ser usada como um espaço para a reflexão, pois o professor tem papel fundamental em aproveitar a efervescência de memórias que surgem durante os períodos para o (re)pensar a disciplina de História. É durante o ensino médio que os jovens formam boa parte de suas identidades. As memórias podem resultar na afirmação de identidades e, como afirma Ribeiro,

Os valores [identitários] são consolidados através de princípios morais e de práticas sociais. Nas construções identitárias, os valores orientam a relação com o 'outro' e definem a sua posição como equivalente ou inferior. É, aliás, pela qualidade das relações estabelecidas com o 'outro' que as identidades são renovadas e enriquecidas ou esmaecem e morrem. (RIBEIRO, 2003, p. 56)

Se a sociedade serve como campo de disputas entre grupos sociais, na sala de aula há uma chance de minimizar os resultados desses embates criando um espaço para o diálogo. No exemplo de Montenegro, muitos alunos não têm informações sobre o passado de sua cidade, o papel do povoamento indígena nem que há descendentes morando na região. O professor pode transformar a sala num espaço para o resgate dos discursos esquecidos – ou sublimados pela sociedade globalizante. Isso não significa obrigá-los a adotar as memórias subterrâneas, porém fazer com que reflitam sobre a estrutura social que antagôniza visões e condena certas lembranças ao esquecimento.

Não há fórmulas prontas para tornar possível a sala como espaço de diálogo entre diversas memórias. Cada profissional pode – e deve – criar alternativas que ultrapassem a visão conteudista de História e faça da aula um espaço para o debate. Em referência à semana do Índio, foi passado aos alunos o filme *Perambulantes, a vida de Acuab em Porto Alegre*.<sup>10</sup> No documentário, pode ser observada toda a trajetória de luta atual de algumas etnias indígenas para serem reconhecidas e terem suas necessidades atendidas. A maioria dos alunos se surpreendeu com depoimentos do vídeo, pois pensavam o índio como um ser caricato, já extinto, preso aos primeiros séculos da colonização. Visualizá-lo caminhando nas ruas da cidade vizinha Porto Alegre foi impactante para alguns. Da discussão sobre o documentário, pudemos construir alguns saberes a respeito da trajetória indígena. Apesar de o filme não ser capaz de suprir a falta de um depoimento presente, que pudesse evidenciar suas memórias de vida ou representar a memória coletiva de sua tribo, foi um início na tentativa de perceber o discurso globalizante do qual fazem parte. Instrumentalizar a sala de aula com debates sobre as memórias pode servir como um exercício para a alteridade, difícil em grupos sociais homogêneos sem contato com outros.

### 3. Considerações finais

Torna-se fundamental um debate mais amplo sobre a disputa de memórias em nossa sociedade e seu reflexo nas salas de aula. Considerando que se tem aí uma via para a construção de identidades, cabe ao professor usar seu espaço para diminuir as diferenças visíveis entre grupos.

O espectro analisado se restringiu ao ensino médio de uma escola particular da cidade de Montenegro. Uma análise sobre outras faixas etárias e outros grupos sociais poderiam trazer resultados complementares, necessários para um estudo sincrônico, mais global. O vale do rio Caí traz a herança da imigração alemã com recordações antigas de superação e de empreendedorismo. No entanto, a percepção da sublimação das recordações indígenas – povos que habitam/habitaram a região – é algo problemático na medida em que delega à obscuridade os relatos de um grupo minoritário. O discurso oficial montenegrino não se torna único, pois a cidade não está isolada das demais. A partir de um caso específico, podemos ter certa noção do todo, principalmente do Rio Grande do Sul, berço da colonização alemã no país.

De encontro à perspectiva de batalhas entre memórias e reprodução de uma visão globalizante, há o professor e seu espaço de atuação: a sala de aula. Um local servido ao debate e à ilustração de ideias, onde alunos podem (re)pensar seus papéis enquanto sujeitos sociais e contribuir para o diálogo entre diferentes classes. Se as memórias são capazes de reforçar identidades, numa sala de aula também podem servir para fortalecer o debate e a tolerância entre opostas visões

de mundo.

## Referências bibliográficas

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos Indivíduos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.
- \_\_\_\_\_; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- NORA, Pierre. *Between memory and history: îles lieux de mémoire*. *Representations*. N. 26, Special Issue: Memory and Counter-Memory. Spring, 1989. P. 7-24.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Memória e identidade social*. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 5, n. 10, 1992.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Ocultamentos em abrigos da identidade: um roteiro brasileiro*. In: PANIZZII, Wrana Maria; MIX, Miguel Rojas. (Orgs.). *Brasil desde Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- THOMSON, Alistair, FRISCH, Michael, HAMILTON, Paula. *Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.

## Notas

- 1 Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2007. Estudante do curso de especialização Metodologia de Ensino de História pela UNIASSELVI. E-mail: thiago\_imp@pop.com.br
- 2 Município de 70.000 habitantes, distanciado 60 km de Porto Alegre, pertencente a sua região metropolitana.
- 3 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. P. 426.
- 4 O capítulo 3 trata das considerações sobre "discurso oficial".
- 5 GINZBURG, p. 20-21.
- 6 "Memory is life, borne by living societies founded in its name. It remains in permanent evolution, open to the dialectic of remembering and forgetting, unconscious of its successive deformations, vulnerable to manipulation and appropriation, susceptible to being long dormant and periodically revived." Tradução feita livremente pelo autor.
- 7 BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Institui a obrigatoriedade da temática "História e cultura afro-brasileira e indígena" nos currículos oficiais da rede de ensino do país. *Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)>. Acesso em: 27 dez 2011.
- 8 Disponível em: <<http://www.montenegro.rs.gov.br>>. Acesso em: 27 dez 2011.
- 9 Prefiro o conceito de "estão" ao de "sãõ" por considerar a dinamicidade das memórias, seu percurso de idas e vindas na sociedade. Com o tempo, uma memória subterrânea pode virar globalizante e vice-versa.
- 10 BRUNETTO, Giancarla; EMERICH, Karine. *Perambulantes: a vida de Acuab em Porto Alegre [documentário]*. Brasil, 2008. 60 min.